

# HISTÓRIAS DE "MAL'ASSOMBRO" E CANTIGAS DOS MANGUES E DAS MATAS DO QUILOMBO BREJÃO DOS NEGROS



Ministério do Meio Ambiente

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo Brejão dos Negros

Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (SR-23)



**HISTÓRIAS DE**  
**"MAL'ASSOMBRO"**  
**E CANTIGAS DOS MANGUES**  
**E DAS MATAS DO**  
**QUILOMBO**  
**BREJÃO DOS NEGROS**

# HISTÓRIAS DE "MAL'ASSOMBRO" E CANTIGAS DOS MANGUES E DAS MATAS DO QUILOMBO BREJÃO DO NEGROS

## FICHA TÉCNICA

**MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE:**  
José Sarney Filho

**PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O  
DESENVOLVIMENTO (PNUD):**  
Didier Trebucq

**SECRETARIA DE EXTRATIVISMO E DESENVOLVIMENTO RURAL  
SUSTENTÁVEL:**  
Juliana Ferreira Simões

**ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO  
BREJÃO DOS NEGROS:**  
Magno de Oliveira Barros

**INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA  
(SR-23):**  
Gilson dos Anjos Silva  
Superintendente Regional - Incra/SE

Sany Mota Fontes  
Chefe de Ordenamento da Estrutura Fundiária - Incra/SE

**CONSULTORA:**  
Ruth Paes Ribeiro (Msc. Antropologia)

**EDIÇÃO E TRABALHO DE CAMPO:**  
Ruth Paes Ribeiro (Coordenação).  
Ailton Rosa dos Santos (Comunidade Resina).  
Amanda Oliveira (Comunidade Brejão dos Negros) – Estagiária cedida  
pelo INCRA/SR-23.

Ângela Maria Viana Honorato (Comunidade Brejão dos Negros).  
Enéias Rosa dos Santos (Comunidade Resina).  
Iara Machado Cruz (Comunidade Resina).  
Leidiane Ramos Santos (Comunidade Carapitanga).  
Maria Benvinda Oliveira Santos (Comunidade Carapitanga).  
Maria Izaltina Silva Santos (Comunidade Brejão dos Negros).  
Maria José Bezerra (Deca, Comunidade Brejo Grande).  
Marielly Tavares (Comunidade Brejão dos Negros).  
Regiane Barros da Silva dos Santos (Comunidade  
Brejão dos Negros).  
Waléria Francinny Correia Santos (Comunidade Brejo Grande).  
Maria Aparecida Vieira Xavier (Cida, Comunidade Resina).

**ENTREVISTADOS:**  
Adalgisa (Comunidade Brejão dos Negros).  
Adalto do Carmo (Comunidade Brejão dos Negros).  
Aliete dos Santos, (77 anos. Comunidade Brejo Grande).  
Antônio dos Santos (Cabo, Comunidade Brejão dos Negros).  
Chicão (Comunidade Resina).  
Cícera Crispim (Comunidade Brejo Grande).  
Domenício José dos Santos (seu Dome, Comunidade  
Brejo Grande).  
Edília (Comunidade Brejão dos Negros).  
Francisco Xavier (Comunidade Carapitanga).  
Germano (Comunidade Brejão dos Negros).  
José Brito Araújo (Comunidade Carapitanga).  
José Luiz dos Santos (Pelé, 65 anos, Comunidade Carapitanga).  
Manuel Cícero (Uél, 45anos, Comunidade Resina).  
Maria Aparecida Vieira Xavier (Cida, Comunidade Resina).  
Maria Conceição Bispo (77 anos, Comunidade

Brejão dos Negros).  
Maria da Conceição (Moreninha, 95 anos,  
Comunidade Brejo Grande).  
Maria Damiana (66 anos, Comunidade Brejão dos Negros).  
Maria Francisca Barreto dos Santos (Dona Quinha,  
Brejão dos Negros).  
Maria Izaltina Silva Santos (Comunidade  
Brejão dos Negros).  
Maria José Bezerra (Deca, Comunidade Brejo Grande).  
Maria José Domingues (Maria Pipoca,  
Comunidade Brejo Grande).  
Maria José dos Santos (Dona Deda, Comunidade Resina).  
Maria Lurdes dos Santos (48 anos,  
Comunidade Brejo Grande).  
Maria Palmeira dos Santos (Bia, 70 anos,  
Comunidade Brejo Grande).  
Marília dos Santos (67 anos, Comunidade Resina).  
Marinalva dos Santos (73 anos, Comunidade Brejo Grande).  
Reinalda Birá Santos (Comunidade Brejo Grande).  
Rosália Silva (Comunidade Brejão dos Negros).  
Seu Baiôco (Comunidade Carapitanga).  
Seu Popó (Comunidade Brejo Grande).  
Zé Vitor (Zé Gunga, 65 anos, Comunidade Carapitanga).

**REVISÃO ORTOGRÁFICA:**  
Abelardo Fontes Santos

**DIAGRAMAÇÃO/IMPRESSÃO:**  
Elaine Cristina Nunes Costa  
**Multicriativa - Comunicação Visual**

**CARTOGRAFIA DIGITAL:**  
Silvana S. Souza.

**ILUSTRAÇÃO:**  
Beatriz Fontes Pessoa.

**FOTOGRAFIAS:**  
Amanda Oliveira.  
Enéias Rosa.  
Jayne Tavares.  
Maria Izaltina Silva Santos.  
Monise de Oliveira Barros  
Ruth Paes Ribeiro.



Empoderando vidas.  
Fortalecendo nações.

MINISTÉRIO DO  
MEIO AMBIENTE



## APRESENTAÇÃO

O presente livreto integra um conjunto de atividades inseridas no Projeto “Contos, Cantigas e Identidade: Alternativas para a Preservação dos Mangues e das Matas do Quilombo Brejão dos Negros”. O projeto, que foi proposto pela “Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo Brejão dos Negros<sup>1</sup>”, foi aprovado na chamada pública de “Apoio à Gestão Territorial e Ambiental de Territórios Quilombolas” do Ministério do Meio Ambiente, em setembro de 2016 e contou com a gestão e participação de membros do próprio território do quilombo.



*Moita de Junco, principal matéria prima para fazer esteira. Lagoa da Comunidade Resina . Nov/2017.*

Com ele pretende-se incentivar a preservação do patrimônio socioambiental do território do quilombo Brejão dos Negros, considerando-o como parte integrante da própria cultura local. Fazemos isto através da contação de suas histórias de mal’assombro vivenciadas nos trajetos diários para a pescaria, para coleta da lenha, para a catação do caranguejo nos manguezais, etc., e por meio de algumas cantigas que eram entoadas em momento de trabalho e lazer, como no plantio e colheita do arroz, nas roças, nas lagoas para quando na retirada do **junco** para fazer esteiras e nos festejos onde se tinham as danças e cantigas de roda.

No quilombo Brejão dos Negros a economia de subsistência relaciona-se a uma totalidade de códigos e expressões que incluem, também, modos sustentáveis de relacionamento com o meio ambiente. A forma de cortar o junco, principal matéria prima para a confecção artesanal de esteiras, é um exemplo:

<sup>1</sup>Associação “mãe”. Entidade que representa o território do Quilombo Brejão dos Negros, localizado no estado de Sergipe, município de Brejo Grande.

A gente corta tudo (...) só deixa a raiz, o toquinho, assim. Não arranca a raiz não! Porque se arrancar, ele morre. Mas, quando é assim, duas semanas, três, ele brota de novo! Aí vai crescendo, crescendo e engrossando, e quando chega no tempo exato ele abre uma florzinha, uma florzinha escurinha mesmo, begezinha. E a gente conhece, que quando ele tá todo florado, tá bom de cortar! (Dona Quinha, junho de 2017, Comunidade Brejão dos Negros).



*Devastação por carcinicultura em área de manguezal próxima ao porto da Comunidade Carapitanga.*

Espécies de plantas, animais e ecossistemas como, p.ex., os **Coqueiros**, o **Marezeiro**, as **Palmeiras**, o **Juazeiro**, o **Gameleiro**, o **Calumbi**, o **Cruirí**, o **Espinho de Cardeiro**, o **pé de Cruirí** a **Gobiraba**, o **Juá**, os **Caranguejos**, o **Piau**, o **Paturi**, a **Piaba**, o **Caranguejo Uçá**, o **gato Maracajá (ou a Onça)**, a **Salamandra**, a **Jericuá**, a **“Papa Ovo”**, o **Candunda**, os **Mangues**, a **Ilha do Funil**, a **Ilha da Tereza**, o **Rio São Francisco**, etc., foram trazidos pelas cantigas e histórias, fazendo-nos atentar para a existência (ou desaparecimento) dos mesmos e do quanto são partes integrantes do que são os negros e negras do quilombo Brejão dos Negros.

A luta diária dos (as) pescadores (as), agricultores (as), plantadores (as) de arroz, marisqueiras, catadores (as) de caranguejo, artesãs de esteira, etc., pela subsistência física e social cria, recria e reproduz, diariamente, modos de consumo e lazer na comunidade, onde o trabalho coletivo nas matas, nos mangues, nos rios e nas lagoas, etc., constitui um de seus principais marcadores identitários.

Além de muitas outras perguntas que poderiam ser feitas, após ouvirmos as histórias contadas, sobretudo, pelos moradores e moradoras mais velhos (as) do quilombo, podemos perguntar, por exemplo: qual o estado de preservação dos manguezais, hoje? E das lagoas? Estes lugares ainda existem no quilombo? Qual a importância desses ecossistemas hoje para o povo do território de Brejão dos Negros? Ou melhor, qual a importância dos quilombolas do território de Brejão dos Negros para estes ecossistemas?

Infelizmente, o risco de desaparecimento dos ecossistemas constituídos e constituidores da própria identidade local tem sido provocado, sobretudo, pelo avanço de ações exógenas ao quilombo, o que impõe novas lógicas (nocivas) de relacionamento com o meio ambiente, opostas ao modo tradicional de uso daqueles mesmos espaços, feito, por gerações.

LEGENDA

- COQUEIRO
- MATA
- VIVEIRO
- RIO SÃO FRANCISCO
- ESTRADA DE CHÃO
- BR
- CORREDOR DE ÁGUA
- LINHA DE PEIXES
- LINHA MARÉMARIA
- FERRO
- CASA
- ESGOTILHO
- ÁREA DE PASTO
- CRAVEIROS
- CAMBU
- MANGUEIRAS
- PFT PROPRIEDADES FORA DO TERRITÓRIO



Mapa do Território Quilombola. Construído pelos próprios comunitários em oficina oferecida pelo projeto.





## AS CANTIGAS, HISTÓRIAS DE MAL'ASSOMBRO E O TRABALHO.

As cantigas e histórias reunidas neste livreto relacionam-se direta ou indiretamente ao “tempo de muito trabalho” dos negros e negras do quilombo Brejão dos Negros. Tanto nas lagoas de arroz, quanto nas roças, nos rios, nas matas e nos mangues da região. As lagoas de arroz, inicialmente, foram os espaços onde eram realizadas a maior parte do labor dos negros rurais da região, já que o plantio e o corte do arroz foram, durante muitos anos, as principais fontes de renda da população local. As pessoas, em sua maioria, idosos, falaram muito sobre “o tempo das lagoas de arroz”, sobre “o tempo do trabalho difícil” onde precisavam dividir o que se produzia com os “donos da terra”.

Foi somente após o declínio dessa cultura do cultivo do arroz, que os quilombolas migraram para um trabalho mais sistemático nos mangues e nos rios. Na época do auge do cultivo do arroz, os pescadores eram



*Pescaria Coletiva. Comunidade Resina. Abril/2018*

poucos, embora no rio houvesse abundância de peixe<sup>2</sup>. A pesca, a catação de caranguejos, de guaiamuns, de siris, etc., eram feitas de modo mais ou menos esporádico e usada apenas para o próprio consumo, não havendo comercialização significativa.

As cantigas dispostas no presente livreto foram recordadas com dificuldade durante a coleta de dados, já que eram originalmente cantadas e compartilhadas “em roda”, e, muitas vezes, em momentos de labuta – geralmente em trabalho familiar nas lagoas, no corte do **junco** para fazer esteira, nos plantios e cortes do arroz, ou nas roças – como também de festa e de “brincadeira”. Todavia, em situações de entrevistas coletivas, algumas cantigas foram lembradas e timidamente cantadas. Também foram lembradas em algumas das “Rodas de Conversa” – uma das atividades que compuseram o Projeto “Contos, Cantigas e Identidade: Alternativas Para a Preservação dos Mangues e das Matas do Quilombo Brejão dos Negros”.

No quilombo Brejão dos Negros é marcante um passado – e presente – de muito trabalho nas lagoas de arroz, nas roças, nos mangues, nos rios, nas matas. Em paradoxo, o que fica evidente, também, é um passado lembrado pela fartura de alimentos e pela alegria vivida justamente nos momentos de trabalho coletivo. Sobretudo nos Batalhões!

Os Batalhões eram uma espécie de mutirão para o plantio de arroz ou de roça, ou para o “corte” do

<sup>2</sup>Relato de dona Marília, comunidade Resina, maio de 2017.



Batalhão de Roça. Julho de 2018. Batateiras. Quilombo Brejão

arroz ou colheita da roça. Alguém, geralmente o “arrendatário” ou “meeiro” de um terreno, em período de plantio ou colheita, poderia convidar pessoas para trabalhar com ele. O arrendatário, ou as pessoas convidadas levavam comida e bebida para partilhar na lagoa ou na roça. Por vezes, os alimentos eram preparados no local e, em algumas ocasiões, dispensava-se o uso de pratos e talheres individuais onde todos comiam em um mesmo recipiente, e até, em casos, diretamente com as mãos.

Também poderiam ser formados para outros objetivos como o de construir uma casa, por exemplo: eram formados “pra tudo”, segundo relatos<sup>3</sup>. Esta forma de organização do trabalho é expressão significativa da vida em comunidade, onde as formas de sociabilidade são, grande parte das vezes, coletivas.

De acordo com os relatos, as pessoas trabalhavam sem remuneração para o dono da roça ou do arroz e eram pessoas mais “próximas”, a exemplo de amigos, vizinhos e parentes. Existiam, também, pessoas que tinham Batalhões já formados e eram sempre convidadas a trabalhar nestes plantios e colheitas, a exemplo do grupo de Dona Marinalva da Comunidade de Brejo Grande.

O trabalho, nesse período, ocupa(va) a totalidade da vida das pessoas no quilombo, não se separando de outros momentos como o de lazer, por exemplo, cujo desfrute, muitas vezes, era (é) dado durante o próprio trabalho. O tempo do lazer era (é), também, o tempo do trabalho, onde as pessoas se alegra(m)vam comendo comida preparada próximo às lagoas, ou nas roças, bebendo uma cachaça de **cambuí**, soltando uns versos nas cantigas de roda, “pisando” (dançando) o samba de coco, entoando uns abôio, conversando umas **puia** ou fazendo umas **tioregas**, etc.

Além das histórias de trabalho foi possível ouvir outras, de “encantamentos” ou “mal’assombro”. Cada um dos contos foi contado de um jeito, por algum quilombola de Resina, de Brejão, de Brejo Grande ou de Carapitanga, quatro comunidades que compõem o território do quilombo Brejão dos Negros. Das histórias relatadas, umas foram vividas, outras foram ouvidas e recontadas. A ideia foi colocar no livreto as histórias mais bem narradas, aquelas com mais riqueza de detalhes



<sup>3</sup>Maria Izaltina. Junho de 2017.

Batalhão de Roça. Julho de 2018. Batateiras, Comunidade Brejão dos Negros (1).

# HISTÓRIAS DE MAL'ASSOMBRO



## BOTIJAS

Segundo os relatos, antigamente, por não existirem agências bancárias para as pessoas guardarem o seu dinheiro, ou por nem todas terem condições de guardá-lo em bancos, muitas delas costumavam juntar suas economias em pequenos potes, vasos, baús ou caixas (botijas).

Acontece que se a pessoa morresse sem antes ter dado um destino a estas economias, ela ficava angustiada “do outro lado”, e para sanar tal angústia, vinha, através de sonho e contava à determinada pessoa o lugar onde estaria enterrada a **botija**. A pessoa morta, já em alma “do outro lado” não descansaria enquanto alguém não “retirasse a botija”.

O ato de “retirar” a botija era um tanto perigoso. Tinha-se que seguir uma ética da não avareza e do sigilo. Além disso, toda pessoa que conseguisse concretizar a retirada de uma botija, deveria, obrigatoriamente, mudar-se de lugar.

No quilombo, ainda hoje é possível ouvir várias dessas histórias de Botijas. Todos têm uma história para contar sobre Botija, sua própria, ou de alguém cuja história tenha ouvido falar. A Botija é um tesouro desejado por muitos.

*Adalgisa, Junho de 2017.*

Comunidade Brejão dos Negros.

“A minha mãe contava que antigamente as pessoas não tinham banco pra depositar dinheiro, né? Aí aquelas pessoas que tinham algum dinheiro pegava uma lata, seja, lá o que fosse! Aí cavava e enterrava. Aí aquela pessoa morria e ficava aquele dinheiro “encantado”. Aí elas, para viverem lá sossegadas onde estavam, vinham em sonho para avisar a pessoa para ir “retirar”. Quem tinha coragem ia “retirar” a Botija, quem não tinha, não ia. Porque via muitas coisas ruins: via o cachorro latir, via o bode ir em cima da pessoa, via cobra. Se a pessoa não ligasse, ia, tirava a botija e se salvava, mas quem não tinha coragem não tirava não.”

*Dona Bia, 70 anos, Julho de 2017.*

Comunidade Brejão Grande.

“Aqui tinha um homem que era pobre, viu? Que se chamava Zé Bernardo. E ele tinha um **arrendamento** aqui na **Onça**, que era aqui, agora fica pra lá um pouco distante. Aí ele era pobre e tirou uma Botija. Ói! Era um buraco enorme, bem largo. A gente ia trabalhar e ficava pulando, assim. Disseram que foi ele que tirou. Ficou rico, viu? Ele trocou de casa porque disse que quem “tirava Botija” não podia ficar naquela casa, né? Disse que quando ele pegou a Botija – e dizem que foi tudo de dinheiro – mandou construir uma casa muito boa. Construiu uma mansão! Era a melhor casa de Brejo Grande, a casa dele. E depois tirou outra Botija lá na entrada de Brejão.

Antigamente não tinha banco. Aí aquele povo que mais antigo quando tinha dinheiro cavava um buraco, às vezes pegava um pote, uma garrafa, ou pegava uma lata, aí enchia de dinheiro e enterrava, depois cobria. Aquele dono morria e dizem que ficava sofrendo e ele tinha que dá a uma

pessoa. A pessoa ia e “retirava”, tinha que levar água benta. Dizem que aparecia tanto do demônio! Eu sei, por que ali no Cú Tapado, ali também tiraram uma Botija. Aí a mulher disse, a mulher que tentou tirar a Botija, porque saiu contando ao pessoal. Disse que não tirou que é tanto diabo, que é tanta coisa feia pulando de um lado para o outro. Disse que é horrível, horrível! Ficou muitos anos esse buraco. E lá era barro não era terra não! Antigamente tiravam muita Botija. Hoje em dia bota no banco e quando morre a família tira, né?”

**Deca, Julho de 2017.**  
Comunidade Brejo Grande.

## HISTÓRIA 1

“A minha avó (Antônia Florisbela, conhecida como Toíinha) foi tirar uma Botija dentro do rio! Ela disse que quando estava dormindo, nem dormindo nem acordada, naquele soninho leve, foi quando a pessoa chegou assim e deu para ela uma Botija. Falou: “vá lá na beira do rio, naquele pé de calumbi e o que tiver lá é seu e de Luzia”. Luzia era uma vizinha de minha avó. No outro dia ela foi lá e chamou Luzia: “Vamos ali mais eu!”. Assim que chegaram apareceu uma corrente assim bem grossa, muito bonita a corrente, brilhante, aí levantou um caixão, aí elas foram e pegaram na corrente e começaram a puxar o caixão e ele veio, ficou cá na beiradinha d’água. Elas começaram limpando o caixão para tirar a lama e aí Luzia achou de levantar e olhar pra dentro do rio. Com mais ou menos uns três metros de distância que ela olhou, tinha um peixe enorme com os olhos parecendo dois pires, aí Luzia deu um grito e correu. Minha avó ficou sozinha. E ele foi e sumiu de novo, porque a Botija não era para minha avó só, era para a minha avó e Luzia, como Luzia correu a Botija desapareceu. Se a pessoa tiver ambição de pegar sozinha não consegue. Depois deram pra minha avó e o cunhado dela. Só que ela não foi mais tirar porque quando deu, a pessoa que deu a ela disse: “tô lhe dando, agora vá tirar se quiser, porque seu cunhado vai tentar lhe matar porque é ouro e prata”. De um lado era outro e do outro era prata no caixão, tinha um relógio de ouro e uma tesoura de prata. E ele queria o relógio pra ele e a tesoura para a mulher dele, queria ficar com tudo sozinho e ele ia tentar matar ela. Aí ela disse: “pois eu não vou não! Dê a quem você quiser dar, que eu não vou não!” E ela não foi.”

## HISTÓRIA 2

“Teve outra história. Apareceu uma velha em sonho e deu uma Botija para a minha avó. Disse “olhe, você vai lá, no tronco de pau e o que tiver lá é seu”. E a minha avó foi. Ela disse que quando chegou lá disse viu um tronco de pau bem grandão que não abarcava, assim. Mas que tinham cortado a árvore e já tinham muito anos e ela foi e “ocou” e ficou um buraco dentro daquele tronco de pau. Ela disse que quando chegou lá que olhou o tamanho do tronco era a rodia de uma cobra. Ela disse que era uma cobra enorme! Ela teve um medo tão grande que foi embora, foi pra casa e foi quando a pessoa dona da Botija disse pra ela ir lá de novo. Mas ela não retirou.”

## HISTÓRIA 3

“No Cajueiro do **Cajuípe** tem um caixão de Botija, também. Mas tem dois punhais cruzados em cima. Quem vencer é que fica com a Botija. Tem que ser dois homens. É pra se matarem no punhal. Só dá para duas pessoas, mas aí aquela ambição “eu quero você quer, eu quero você quer”. Se não querem dividir, aí começa a discussão. Aí quem for melhor, derruba.”



# BICHO DE SETE E LOBISOMEM



Se uma família tivesse seis filhos seguidos, de um mesmo sexo, o sétimo, reza a lenda, “viraria bicho”. “**Correr bicho**” é o mesmo que “virar bicho”. Quando alguém diz: “fulano de tal “corre bicho”” é o mesmo que dizer que ele vira **bicho de sete**. O bicho de sete quando está “virado” tem fisionomia grotesca, vira lixo, assusta as pessoas, etc. Mas, segundo relatos, não faz mal a ninguém, só veio “cumprir com uma obrigação”<sup>4</sup>. Para acabar com o encanto, a mãe da criança deve dar uma pancada com uma colher de pau na cabeça da criança até tirar um pouco de sangue. Fazendo isso acaba o encanto e a pessoa não “vira” mais bicho.

O “bicho de sete” e o “lobisOMEM” ora se confundem ora se distinguem. Segundo alguns relatos o lobisOMEM faz parte de uma religião, a maçonaria. Dia de sexta-feira, à noite, vira lobisOMEM e segue pessoas. Há relatos<sup>5</sup> de pessoas sendo seguidas por um cachorro-lobo preto até suas casas, durante a noite. Geralmente, a pessoa e o lobo estão sozinhas, nessa hora. O suposto cachorro-lobo, no dia seguinte, já na forma de homem, relembra o fato da noite anterior à família da suposta vítima. O alerta do homem (suposto lobisOMEM) à família é sempre como forma de censurar o comportamento da vítima por andar sozinha a altas horas da noite.

**Deca, Julho de 2017.**

Comunidade Brejo Grande.

“O bicho foi pegar minha mãe. A gente morando na **Ilha da Tereza**, em casa de sítio, toda arrodada de coqueiro, mangueira, bananeira. Ali não tinha banheiro e minha mãe grávida com a barrigona, foi lá fora pegar pinico que tinha esquecido debaixo do pé de bananeira. Aí o bicho pegou na saia dela e arrastou. Aí ela caiu! Aí tinha uma pedra pra amolar os facões e ela bateu com a barriga em cima dessa pedra. Aí meu avô saiu com o meu pai nas carrêra, o meu avô tinha um revolver e só dava pra ouvir os quebrar das bananeiras, só ouvia o barulho. Aí apanharam minha mãe, deram remédio a ela, é tanto que a criança nasceu morta, de sete meses. Quando foi num domingo, meu pai veio aqui pra feira e meu pai disse: “isso foi fulano de tal”, que

<sup>4</sup> Relato de Lourdes, Brejo Grande.

<sup>5</sup> Dona Deca e dona Lourdes. Comunidade Brejo Grande, julho de 2017.

meu pai conhecia ele. Aí meu pai foi a ele e disse: “ói, se acontecer alguma coisa com a minha mulher você vai se vê comigo”. Aí ele foi e disse bem assim: “se você é homem eu sou também, que aquilo não é hora de mulher pegar pinico debaixo de pé de bananeira não!”.

***Zé Victor, 65 anos (conhecido como Zé Gunga), agosto de 2017.***

Comunidade Carapitanga

“Rapaz, aqui tinha um. Diziam, né? A mãe teve sete filhos. O que eu sei é que na casa dessa família, desse pessoal, ali tem um bicho de sete. Ele, o velho, teve seis filhos, e quando chegou no sétimo, ele andava “virando”. A mãe dela morava ali em frente a igreja e uma vez disse que só via um gato dentro de casa, ela era mocinha nova e morava com os pais dentro de casa e: “xi, gato! Xi, gato!” diz que era o cara virado de gato. Eu sei que pra encurtar a história, o mais velho combinou com a mãe e diz que pegou uma colher de pau e lascou a cabeça, tirou o sangue e não virou mais nunca. Até hoje ninguém fala mais nisso não. Mas antes todo

**“COISA DO OUTRO MUNDO” NA ILHA DO FUNIL.**

***Zé Victor, 65 anos (conhecido como Zé Gunga), agosto de 2017.***

Comunidade Carapitanga

### ***Ilha do Funil***



“Por trás desse mangue aí tem uma Ilha, e eu morava lá: **Ilha do Funil!** Morava lá e morava aqui, tinha casa aqui e tinha casa lá. Como a nossa conversa é pescaria aí a gente passava a semana lá e final de semana vinha pra aqui. Eu era solteiro na época, aí cheguei um dia e vim de lá pra cá, quando eu cheguei no porto, noite de lua mesmo. Aí foi a primeira ou segunda vez que eu vi isso! Uma zoada de gente tocando sanfona, violão, pandeiro... Mas eu escutava direitinho e vinha remando no canal e o povo tocando, tocando, tocando. Mas pela zoada era de dez pessoas pra mais. Aí tinha um irmão meu que ele gostava de pescar também e ia passando por um canal bem igual ao meu quando eu disse a ele : - Ói, meu irmão, tá acontecendo isso e isso agora aqui, saltei aqui pra olhar e não vi mais ninguém. Aí eu disse: “Meu irmão, pelo amor de Deus, pegue seu barco e vá embora que isso aí não é nada não, é **coisa do outro mundo**”. Ele ainda estava se aproximando, estava longe ainda, não estava pertinho de mim não. Quando ele saltou foi que eu contei que eu tinha visto a zoada, saltei e não peguei o barco, na volta já tinha desaparecido. Não deu pra ele ver. Agora isso aí eu vi uma vez só. Também não vi mais nunca. Rapaz, essa Ilha lá era divertida, ia muita gente e o povo gostava de tocar, saía do Brejão pra tocar lá, entendeu? Aí eu disse: “vou lá ver se esse pessoal tá do outro lado! Quando eu parei para olhar...Qui!! Era ninguém. Isso era umas dez horas da noite mais ou menos”.

# FOGO CORREDOR

Segundo relatos, se comadre e compadre mantivessem algum tipo de relacionamento “amoroso”, transformar-se-iam em “fogo corredor”. O fogo corredor foi descrito como duas bolas de fogo grandes, como tochas, chamas, etc., e era visto sempre à noite. De acordo com os moradores, as bolas de fogo ficavam batendo umas nas outras e soltando faíscas. Reza a lenda que quando isto ocorre são comadre e compadre namorando. Assim como a história da “mula de padre”, histórias sobre fogo corredor contêm o alerta da proibição de trocas sexuais entre algumas pessoas. Neste caso, entre compadres e comadres, indivíduos com certo grau de parentesco.



Muro

**Dona Aliete dos Santos, 77 anos. Julho de 2017.**  
Comunidade Brejo Grande.

“Minha fia, uma vez fui pescar no riacho de noite e vi um fogo corredor, viu? Corri tanto em cima de um **muro**, corri tanto com a tiririca por aqui, era caindo e me levantando, caindo me levantando e o bicho atrás com a frecha, eu tive tanto do medo. Foi a primeira vez que eu vi esse bicho. Depois não vi mais. É uma roda de fogo! É quando são compadres de filho, e namoram, fazem coisa errada. De noite viram duas bolas de fogo, assim vejo os mais velhos dizerem. A gente passou por debaixo de um pé de pau e quando a gente passou por debaixo do pé de pau eles chegaram junto, Aí minha irmã! Era tanta coisa nesse mundo, “trá, trá”, aí eu disse: “valhei-me meu padrinho Cícero!” E vimos embora, nas carrêra”.

**Zé Victor (Zé Gunga), 65 anos. Agosto de 2017.**  
Comunidade Carapitanga

“**Fogo corredor** eu já vi bastante. Agora interessante é que se aproxima perto dele e ele desaparece e ninguém entende que bichento é aquilo. Um fogo mesmo. Óia! Às vezes o cara vem passando por aí nesse canal desse rio. Eu ia passando uma vez de barco assim, aí vi aquela tochinha parecia um candeeiro, uma velinha acesa o mesmo formato assim, no chão mesmo, na beira do rio. Quando eu fui me aproximando ela apagou, quando dei as costas e segui, ele apareceu e levantou aquela tochona e aumentou assim. Bem interessante e até hoje ninguém sabe o que é aquilo.”

**Dona Cícera Crispim, 77 anos. Julho de 2017.**  
Comunidade Brejo Grande

“**Fogo corredor** já ouvi falar e já vi. Não ele mesmo, assim de perto! Porque aqui tinha um pé de **marezeiro** nessa área que é um campo de futebol e eu vi aquela tocha sair do pé do **marezeiro** e saiu pra lá. Agora também nunca vi eles encontrando um com o outro, porque é um casal, né? Diz o povo que é o compadre mais a comadre. Cansei de ver aquela tochona passando.”



**Marezeiro**

***Marinalva dos Santos (73 anos), julho de 2017.***  
Comunidade Brejo Grande

“No tempo que eu tinha meu marido (agora ele morreu), aí a gente comprava manga pra vender em Penedo, a gente tinha uma canoinha pequena e comprava as manguinhas e íamos vender. Aí, naquele tempo, não tinha motor, agora tem esses motor rabeta, mas naquele tempo era no remo, aí ele remava na polpa e eu na crôa sentada com o reminho. “Vamos vender as mangas?”, “Vamos!” Eu dizia. Quando nós vínhamos de lá pra cá, meia noite, o fogo-corredor na crôa, ói! Aquela luz, aquela tocha assim de um lado e de outro. Aí ele sabia de có algumas orações, aí ele sabia de oração pra acalmar. Aí eu disse: “seu Tonho já vai o fogo corredor subindo ali”. Ele: “a gente passa ali, com fé em Deus, a gente passa”. Só sei que eu ficava: “rapaz, esse fogo vai queimar a gente”. Eu sei que ele rezava e eu sei que aquilo ali ia, ia, ia e acalmava. Aí pronto, a gente passava e ficava tudo calmo.”



**Pé de Cuiuí**

***Dona Bia, 70 anos, julho de 2017.***  
Comunidade Brejo Grande

“Quando era dia de sábado de noite a gente saía do **Cajuípe** pra vim pra cá dançar forró, eu mais minha irmã. Quando dava meia noite a gente vinha escondido de papai. Eu já tinha vinte e cinco anos, eu já era viúva. Mamãe tomava conta de meus filhos, aí eu avisava só a minha mãe. Quando dava uma hora da manhã, a gente ia embora. Quando a gente olha assim vê aquele fogo bem em cima de um pé de Cuiuí, de uma **Cuiuí** bem grande. Minha irmã disse: “Bia, vamos entrar que ali é um fogo corredor”. Quando eu olho, minha irmã disse: “– olha lá outro”. Eram dois, assim, um do lado e outro do outro, e ficavam se batendo e incendiavam tudo, e os dois desciam. Parecia, assim, que era um incêndio, assim, na mata! O capim verdinho, que era inverno! Aquela faísca voando pra tudo quanto era lado. Era tão interessante. Tem gente que diz que quando chama eles vêm em cima, né? Mas isso aí é compadre com comadre, né?”



# CAIPORA

As histórias de caipora que foram ouvidas estão todas associadas ao trabalho na mata ou no mangue. Ou para catar lenha ou para catar **caranguejo**. A caipora, segundo relatos, tem o poder de fazer as pessoas perderem-se ou de fazê-las “**se ariar**”. Para não se “ariar”, ou no caso de buscar achar o caminho de volta, as pessoas colocavam um galho verde na cintura, viravam a camisa ao avesso, deixavam fumo para caipora em um lugar da mata ou no lenço da cabeça; batiam com o facão nos dentes e/ou levavam um olho de boi no bolso, etc.

**Manoel Cícero (Uel), 45 anos, maio de 2017**  
Comunidade Resina.

“Aí eu ia saí do mangue, né? Já estava cheio de **caranguejo**, já. Eu já estava com meio saco de caranguejo. Aí não vi jeito de sair, rodava pra cá, rodava pra lá e nada. Subi num pé de **mangue brabo** e nada, aí desci de novo. Eu só via mangue, mangue, mangue. Aí peguei o facão e comecei a bater assim nos dentes, que meu avô fazia. Quando foi em uns vinte minutos, eu me desariei. E me salvei dessa!”



Mangue Brabo, mata detrás do conjunto Santa Cruz

**Chicão, maio de 2017.**  
Comunidade Resina.

“Uma vez eu me ariei. O pessoal diz que é a caipora! Foi nesse **mangue** aqui! Que nesse tempo a gente pegava só caranguejo, nesse tempo. E o caranguejo que a gente chama é o cabeludo, que é o caranguejo sal. Toda vida foi **caranguejo uçá**! Aí nesse mangue aqui, atrás do Saramém, todo mundo pegava caranguejo aqui. Nesse tempo não pegava caranguejo de redinha não, era no braço. De braço! Ainda existe caranguejo sal, não existe como antigamente, mas existe e depois desse negócio de redinha, dessa armação que eles botam no buraco do caranguejo. Redinha que faz de saco, aí chega no buraco do caranguejo, bota dois pauzinhos, assim, enfia, uma armadilha, aí o caranguejo sai pra comer, que bota umas folhinhas, pronto! Naquele tempo, não! Naquele tempo era tudo de braço. Era uma foice pra você furar o buraco e enfiar o braço! Aí eu tava no mangue e na hora de ir embora, você vê uma coisa toda estranha. É uma coisa interessante, invisível mesmo. Eu vendo a estrada, passava e via uma coisa toda estranha. Papai sempre dizia, minha vó! Sempre dizia pra caso eu me ariasse levasse uma capinha de fumo ou batesse a faca nos dentes. Mas eu não gostava de fumo, fumar nunca fumei! Aí eu gostava de andar com facão pra pegar caranguejo. Aí bati com o facão nos dentes e subi num mangue brabo. Rapaz, negócio estranho nesse mundo! Eu passava por uma ruma de estrada e não conhecia nada. Eu com um saco cheio de caranguejo, cheio de lama, ia subindo **gaitera** e descendo gaitera. É todo cheio de gaitera o mangue, rapaz! E tem lugar que você passa é se abaixando (...) Aí, daqui a pouco quando eu bati a faca nos dentes e aquele negócio foi desaparecendo e apareceu a saída bem pertinho!”

**Seu Germano, junho de 2017.**

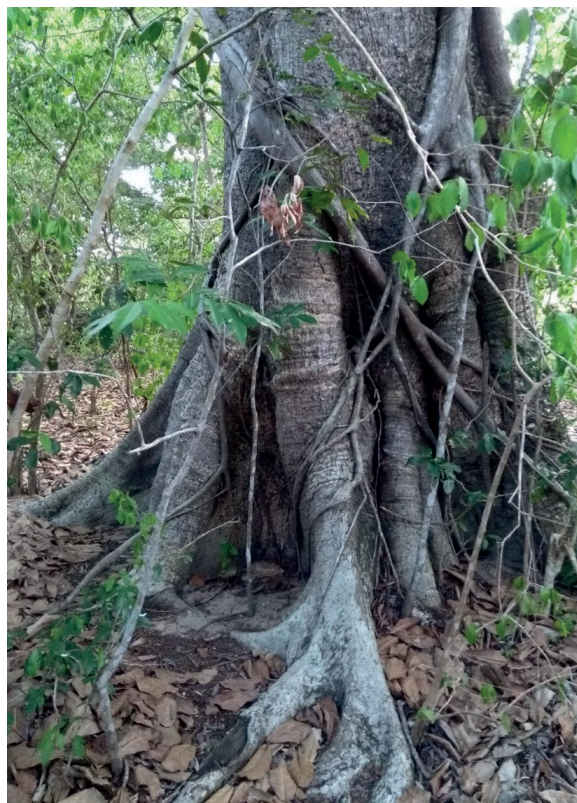


Caranguejo Uça

“Aí na **mata**, a caipora conversou comigo. Ela me disse assim: “eu não vou bater em você porque você é o rei do mato. Foi, me falou mesmo, ela. Ela tem uma perna só e o cabelo dela é grande. Tem uma cova aí, ó! Dentro do mato. Eu durmo dentro de uma árvore chamada **gameleiro**, durmo na raiz dela.

***Dona Bia, 70 anos, julho de 2017.***  
Comunidade Brejo Grande

“A gente, quando era no verão, ia tirar lenha. A gente vivia de tirar lenha “nas Barreiras”, aqui indo pra Maceió, já. Era tudo mato nesse tempo! A gente ia seis, sete horas, quando era assim dia de sábado, dependendo da maré, porque a gente ia de canoa de tolda, era muita gente que ia tirar lenha, e quando chegava lá, a gente descia da canoa e eu encostava em meu pai com medo de me perder, né? Era uma areia que batia no meio das pernas! Eu tinha uns dez anos! Aí, meu pai, onde tinha um pé de pau ele cortava aquela galha, aí botava ali, marcava, né? Aí, na frente, ele cortava outro pé de pau, aí colocava, até onde encontrava lenha! Ele cortava de foice aqueles paus e fazia aquele montinho lá e ia pra frente, e seguia estrada. Na frente cortava outro bocado e deixava, e eu e meus irmãos íamos pegando e carregando para o rio. Era longe que só, e com os pés descalços na areia quente, que era no verão. Meu pai, quando chegava em casa, cortava os pedacinhos, assim – que chamava lenheiro! – abria aquelas lascas de pau e fazia os feixinhos pra vender. Mas antes de chegar em casa era o dia todo pegando os paus que meu pai cortava, indo e voltando para o rio, eu só podia os pequenos e os meus irmãos não esperavam por mim, porque eu andava devagar. Aí quando foi nesse dia, meu pai disse: “ói, vamos carregar esse monte que tem, vamos terminar, e vamos comer na beira do rio”, que era farinha com camarão ou farinha seca ou com qualquer coisa que a gente comia na beira do rio. Depois, a gente bebia água e voltava, não descansava de jeito nenhum! Aí quando cheguei, assim, vi aquele negocio assobiar bem forte assim pertinho de mim, e continuou assobiando. Aí pronto! Eu não sabia para onde dava mais, aí me perdi na mata. Fiquei rodando com o pau na cabeça e não aguentei, comecei a gritar e a chorar. E nesse tempo estavam fazendo essa rodagem que era de Penedo para Piaçabuçu. E já estava marcado, já tinham marcado assim as madeiras. E eu dei pra esse lugar aí! Isso era na base de uma hora da tarde. E umas quatro horas sentiram falta de mim, aí foram me procurar na mata e eu já estava nessa estrada sentada. No tempo eu usava um paninho amarrado na cabeça, aí coloquei esse paninho em baixo da cabeça e deitei no chão chorando. E tinha uns **espinhos de cardeiro** que nasce no sertão, os meus pés já estavam todos furados de espinho. O pessoal que veio com a gente se juntou com meu pai e veio me procurar na mata por onde papai marcou até o derradeiro monte de lenha. E o negócio continuava me seguindo e assobiando, atrás de mim. Naquele tempo eu não rezava, não sabia nada de reza. Quando vieram me achar já era cinco horas. E eu já estava adormecendo, já. E eu ia dormi ali e os bichos iam me devorar, iam me comer, porque era uma mata muito grande, tinha pé de árvore enorme de todo tipo, tinha **onça**, tinha essas cobras muito grandes, salamandra bem grande, **jericuá**, aquela “**papa ovo**” lá do sertão, raposa. Aí meu pai quando me viu, os meus irmãos começaram a chorar. Meu pai me botou nas costas, quando chegou no rio, me molhou, depois me botou na casinha que tinha dentro da canoa, lá na frente. Meu pai gostava muito de mim e vendo que meu coração estava disparado, disse: “tenha medo não minha fia, você tá com seu pai”. A **caipora** ariava muita gente. Quem ia para a mata levava, assim, uma capinha de fumo, um pano amarrado na cabeça com fumo. Agora, a caipora, o que é, eu não sei! Só sei que faz medo. Minha mãe fumava e depois que me ariei na mata nesse dia ela disse: “ói minha fia, quando você for buscar lenha amarre o paninho na cabeça e coloque essa capinha de fumo dentro”. Depois desse dia eu sempre levava.”

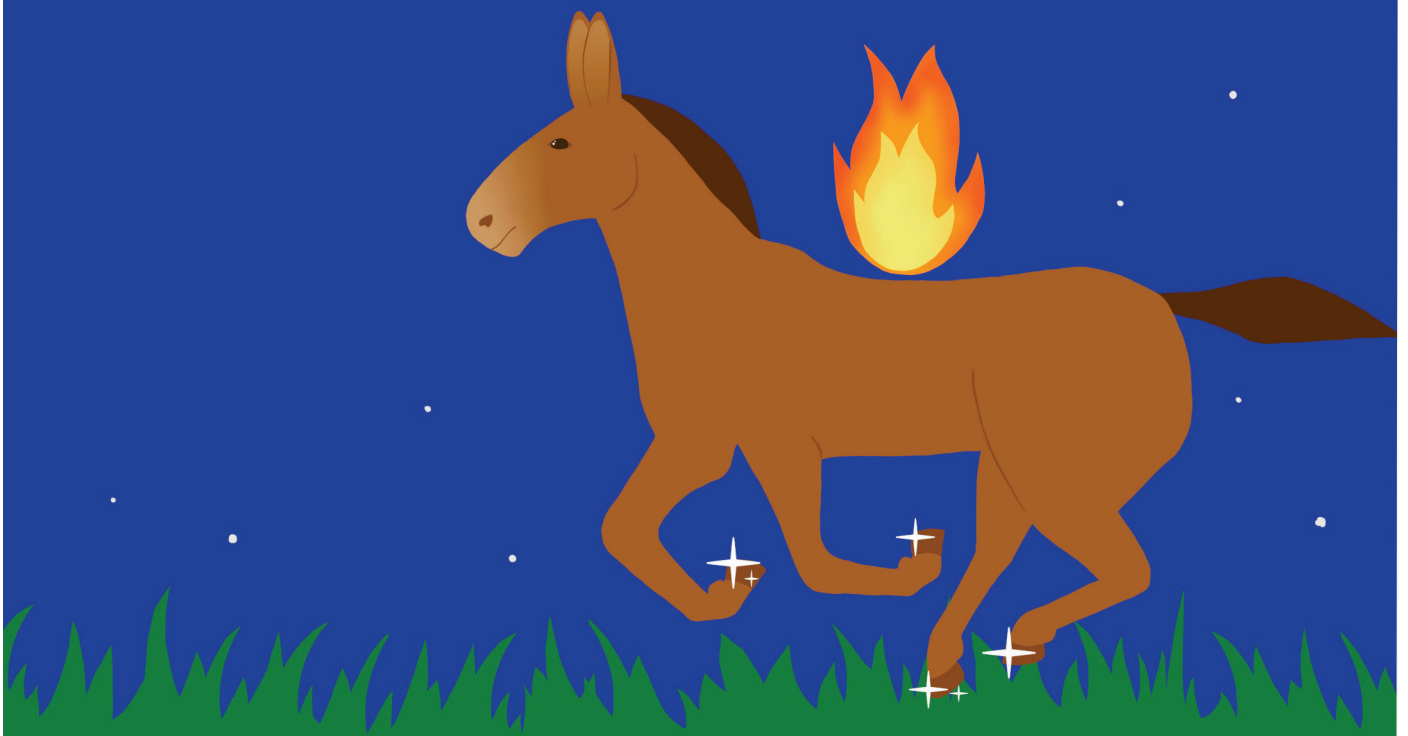


**Raiz do Gameleiro. Mata atrás do Conj. Santa Cruz, Batateiras.**

Na frente cortava outro bocado e deixava, e eu e meus irmãos íamos pegando e carregando para o rio. Era longe que só, e com os pés descalços na areia quente, que era no verão. Meu pai, quando chegava em casa, cortava os pedacinhos, assim – que chamava lenheiro! – abria aquelas lascas de pau e fazia os feixinhos pra vender. Mas antes de chegar em casa era o dia todo pegando os paus que meu pai cortava, indo e voltando para o rio, eu só podia os pequenos e os meus irmãos não esperavam por mim, porque eu andava devagar. Aí quando foi nesse dia, meu pai disse: “ói, vamos carregar esse monte que tem, vamos terminar, e vamos comer na beira do rio”, que era farinha com camarão ou farinha seca ou com qualquer coisa que a gente comia na beira do rio. Depois, a gente bebia água e voltava, não descansava de jeito nenhum! Aí quando cheguei, assim, vi aquele negocio assobiar bem forte assim pertinho de mim, e continuou assobiando. Aí pronto! Eu não sabia para onde dava mais, aí me perdi na mata. Fiquei rodando com o pau na cabeça e não aguentei, comecei a gritar e a chorar. E nesse tempo estavam fazendo essa rodagem que era de Penedo para Piaçabuçu. E já estava marcado, já tinham marcado assim as madeiras. E eu dei pra esse lugar aí! Isso era na base de uma hora da tarde. E umas quatro horas sentiram falta de mim, aí foram me procurar na mata e eu já estava nessa estrada sentada. No tempo eu usava um paninho amarrado na cabeça, aí coloquei esse paninho em baixo da cabeça e deitei no chão chorando. E tinha uns **espinhos de cardeiro** que nasce no sertão, os meus pés já estavam todos furados de espinho. O pessoal que veio com a gente se juntou com meu pai e veio me procurar na mata por onde papai marcou até o derradeiro monte de lenha. E o negócio continuava me seguindo e assobiando, atrás de mim. Naquele tempo eu não rezava, não sabia nada de reza. Quando vieram me achar já era cinco horas. E eu já estava adormecendo, já. E eu ia dormi ali e os bichos iam me devorar, iam me comer, porque era uma mata muito grande, tinha pé de árvore enorme de todo tipo, tinha **onça**, tinha essas cobras muito grandes, salamandra bem grande, **jericuá**, aquela “**papa ovo**” lá do sertão, raposa. Aí meu pai quando me viu, os meus irmãos começaram a chorar. Meu pai me botou nas costas, quando chegou no rio, me molhou, depois me botou na casinha que tinha dentro da canoa, lá na frente. Meu pai gostava muito de mim e vendo que meu coração estava disparado, disse: “tenha medo não minha fia, você tá com seu pai”. A **caipora** ariava muita gente. Quem ia para a mata levava, assim, uma capinha de fumo, um pano amarrado na cabeça com fumo. Agora, a caipora, o que é, eu não sei! Só sei que faz medo. Minha mãe fumava e depois que me ariei na mata nesse dia ela disse: “ói minha fia, quando você for buscar lenha amarre o paninho na cabeça e coloque essa capinha de fumo dentro”. Depois desse dia eu sempre levava.”

# MULA DE PADRE

Mula de padre é a mulher que tem envolvimento conjugal com um padre ou religioso católico. Dia de quarta e sexta-feira, durante a noite, a mulher assume a forma de um equino e passeia pelas ruas soltando fogo pelas costas. Uma das formas possíveis de interpretar esta lenda rural é observando a proibição social do matrimônio entre religiosos e fiéis, ilustrada na forma de uma aberração ou espécie de castigo.



*Dona Bia, 70 anos, Julho de 2017.*  
Comunidade Brejo Grande

“Disse que quando era dia de quarta e sexta-feira, uma mulher que convivia com o padre Zeca, porque ele tinha uma mulher e teve três filhos com ela. Padre Zeca era o dono da fazenda **Cajuípe**. Aí o pessoal que morava na **Senzala** dizia que essa mulher saía, assim, escondidinha (quem contava isso era meu sogro), pegava uma estradinha, tirava aquela roupa que estava vestida, fazia uma trouxinha, colocava lá no cantinho. Se tivesse algum animal, cavalo, gado, ela tangia e depois ficava batendo os beiços. Aí virava naquele animal, se fosse o cavalo, virava mula, chamava até “**mula de padre**”, e saía na estrada com uma tocha nas costas. Aí ela saía assim na rua, diz que o casco dela chega brilhava. Aí depois ela voltava, vestia a roupa e vinha embora pra casa dela. E aqui em Brejo Grande ainda teve gente que via, quando ela vinha do Cajuípe.”

# NEGO D'ÁGUA E MÃE D'ÁGUA

*Cícera Crispim (77 anos), Julho de 2017.*  
Comunidade Brejo Grande

“Eu pescava era assim nos **brejos**, nas **lagoas**, mas nunca me topei com assombração nenhuma. Aí no rio, quando tinha enchente, o pessoal falava que aí no porto aparecia o **nego d'água** e a **mãe d'água**. Diz que a mãe d'água vinha com aquele cestão de cabelo, mas eu mesmo nunca vi. O nego d'água dava nas polpas das canoas. Vez em quando o povo dava aquelas batidas dentro d'água, aí saía de dentro d'água aquele negão, aí o povo chamava de nego d'água.”

## MANGUE ASSOMBRADO

“Ainda hoje eu vou pro **mangue**! É **peixe**, é **camarão**, é **sururu**, é **unha de véio**, é **massunim**. E o que tiver a rede vim, vem!...Eu mesmo não fico sozinha dentro do mangue, sabe? Não! Mó do quebra-quebra que a gente escuta, agora ninguém vê nada! Tem uns quebra-quebra, mas quem vê?!”

*Maria Conceição Bispo (77 anos),*  
Comunidade Brejão dos Negros.



*Mangue manso. Mata de manguezal atrás do Conj. Santa Cruz.*

# CANTIGAS E OS BATALHÕES



*Marinalva Santos (73 anos), julho de 2017.*  
Comunidade Brejo Grande

A gente plantava e no tempo da colheita o arroz amadurecia. Você cortava aquele arroz, levava para o terreiro e batia. Aí pra cortar aquele arroz ou plantar, aí diziam: –chame a Marinalva! Eu reunia o grupo que era pra a gente cortar o arroz de mutirão, aí eu reunia o grupo que é o **Batalhão**, aí saiam dez, doze pessoas, conforme a pessoa pudesse ir... Se reunia, e a gente ia plantar ou cortar, plantava ou cortava aquele arroz. Aí quando a gente vinha pra casa, já vinha cantando, sambando... A gente cantava, ia sambando e entrava na rua sambando, aí foi o tempo que umas foram saindo e outras foram morrendo. Acabou o grupo do Batalhão! Eu queria de um jeito e a turma queria de outro, aí eu me enfezei e não quis mais, e entreguei. Fiz uma reunião e quem quiser tomar conta agora que tome. Batalhão só era da gente mesmo, pobre mesmo! O rico plantava com dinheiro, tinha dinheiro, arava as terras deles e botava trabalhador pago, muita gente que plantava “**de meia**” não tinha dinheiro, aí se reunia o grupo e plantava.

**Cícera Crispim (77 anos), julho de 2017.**  
Comunidade Brejo Grande



Dona Cícera Crispim

“Nos **Batalhão** a gente **cantava, bebia, comia e trabalhava**. Quando a gente vinha de lá pra cá, a turma vinha fumada, aí gostava de vim cantando assim:

Nossa Senhora,  
Nossa Padroeira,  
Tenha paciência,  
Com suas trabalhadeiras.

Antigamente tinha muito **Batalhão**, o povo **cortava arroz**, eu era garota e o povo já cortava arroz. Trabalhava uma ruma de gente, homem, mulher... **Cantavam!** Naquele tempo as panelas eram de barro, né? Aquelas panelonas, uns caldeirões grandes! Quando terminava, dava meio dia, ia comer, aí **comia e bebia**. O povo era pobre, mas não faltava alegria, tinha fartura! Eu mesmo quando ia pescar levava meu caldeirão e trazia ele cheio: **camarão, candunda, piaú, traíra**, o que a gente encontrasse!”

**Adalgisa, junho de 2017.**  
Comunidade Brejão dos Negros.

“Eu criei doze filhos aqui nessa redondeza, trabalhando do **cabo da enxada**, do **puçá**, pra pescar na **lagoa**, nos **poços**, nos **rios**. Minhas mãos eram “assim” de calo, do cabo da enxada. Comecei a trabalhar no cabo da enxada com sete anos. “Você sabe, né? Tem de tudo, né? É trabalho, é conversa, é na casa de farinha, é na roça, e quando a gente trabalhava na **lagoa de arroz**... A gente cantava, assim, um samba de coco... Nunca mais teve trabalho como tinha não! Eu trabalhava de segunda a segunda (...) e quando chegava de noite ainda trabalhava em casa. Cantava, assim, tinha muitas cantigas...Mas nessa hora, assim, ninguém lembra, né?”



Imagem em moldura de um Batalhão recente. Arquivo pessoal de dona Reinalda, quilombola de Brejo Grande

## PIAU DE UM PALMO E MEIO

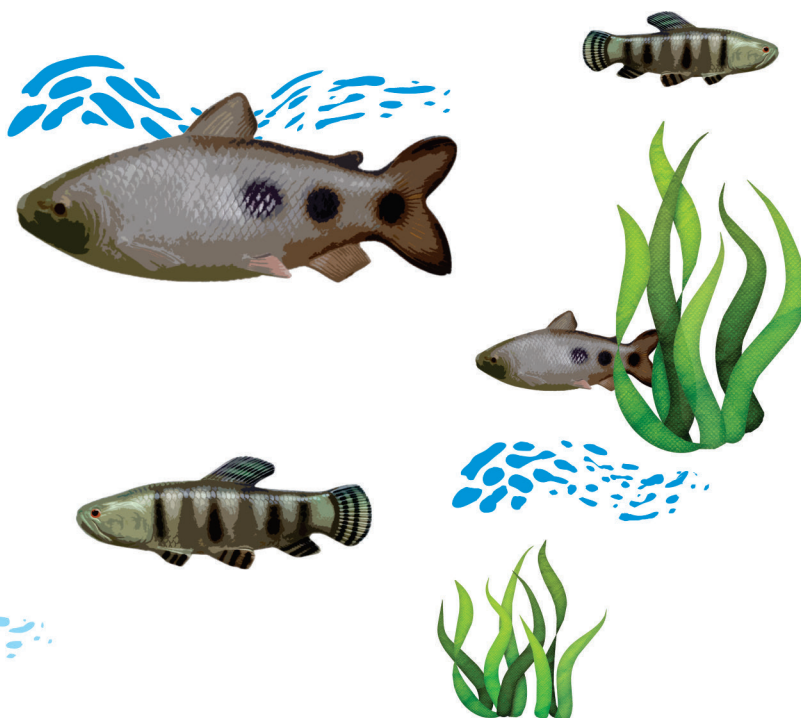
Cantada por *Adalgisa e Dona Conceição, junho de 2017.*

Comunidade Brejão dos Negros

Eu fui pescar,  
Eu peguei um **piáu** de um palmo e meio.  
Foi palavra que Deus disse!  
Tesoura de cortar pano,  
Faca de raspar coelho!

Menina diga a teu pai,  
Que não coma de colher.  
Que ele tá pra seu meu sogro,  
E você, minha mulher!

Eu fui pescar,  
Eu peguei um piáu de um palmo e meio.  
Foi palavra que Deus disse!  
Tesoura de cortar pano,  
Faca de raspar coelho!



## PIAU, XAXÁ

Eu vi meu **piáu**, êh!  
Eu vi meu piáu, êh!  
Meu piáu, xaxá!

Quem quiser cantar mais eu,  
Meu piáu, xaxá!

Lava a boca com sabão,  
Meu piáu, xaxá!

Se não lavar bem lavada  
Meu piáu, xaxá!  
(...)



Cantada por *Maria José Domingues (Maria Pipoca),*  
Julho de 2017. Comunidade Brejo Grande

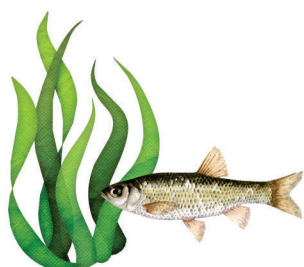


## PIABA!

Sai, sai, sai ôh **piaba**.  
Saia da lagoa!

Sai, sai, sai ôh piaba.  
Saia da lagoa!

Bota a mão na cabeça,  
Outra na cintura.



Cantada por *Maria Izaltina Silva Santos.*  
Comunidade Brejão dos Negros, junho de 2017.

Dá uma umbigada na outra piaba!

Sai, sai, sai ôh piaba.  
Saia da lagoa!



Sai, sai, sai ôh piaba.  
Saia da lagoa!

## TRAÍRA NADOU NO SECO!

Cantada por **Maria Izaltina Silva Santos**.  
Comunidade Brejão dos Negros, junho de 2017.

A traíra nadou,  
Foi no seco.  
Foi no seco.  
Foi no seco.



A traíra nadou,  
Foi no seco.  
Foi no seco.  
Foi no seco.



*Pesca de rede em Lagoa. Comunidade Resina.*

## PATURI

Cantada por **Maria Francisca Barreto dos Santos (Quinha)**.  
Junho de 2017. Comunidade Brejão dos Negros

**Paturi** que tá fazendo?  
Ao redor dessa lagoa?  
Quem tem paturi tem pato!  
Quem tem asa cai no laço.  
Quem dirá quem não avôa.



## SOU FILHA DA SABURICA!

Cantada por **Maria Izaltina Silva Santos**.  
Comunidade Brejão dos Negros, junho de 2017.

Quem quiser casar comigo,  
Quem quiser casar comigo.

Ôi, não procure geração!  
Ôi, não procura geração!

Sou filha da **saburica!**  
Sou filha da saburica!

Ôi, sou neta do **camarão!**  
Ôi, sou neta do camarão!

## BOI

Cantada por **Maria José Domingues (Maria Pipoca)**  
Comunidade Brejo Grande, Julho de 2017.

Meu boi, iá!  
Meu boi, iá!  
Meu boi eu já te quis,  
Hoje eu não quero,êh boi!

Meu boi já te dei o desengano, meu boi  
Meu boi pra mim tu já morreste  
Meu boi! Meu boi!  
Quarta-feira fez um ano, meu boi.

## GALHINHO DA LIMEIRA

Cantada por **Maria Lurdes dos Santos (48 anos)**  
Comunidade Brejo Grande, julho de 2017.

Quebrei o galhinho da limeira,  
O galhinho da limeira,  
Olhei pra cá!  
Quebrei o galhinho da limeira!

Eu mandei fazer uma barca,  
Da casca do amendoim.

Quebrei o galhinho da limeira!

Para embarcar a cor verde,  
E meu senhor do Bonfim!



Magno Barros exibindo peixes da pescaria coletiva em viveiro, realizada para as celebrações de páscoa. abril de 2018

Quebrei o galhinho da limeira!  
Quebrei o galhinho da limeira!  
O galhinho da limeira,  
Olhei pra cá!  
Quebrei o galhinho da limeira!

Minha mãe não quer que eu use,  
Mas agora eu vou usar!

Quebrei o galhinho da limeira!

Um laço de fita verde,  
No jeito de namorar!

Quebrei o galhinho da limeira!  
Quebrei o galhinho da limeira!  
O galhinho da limeira,  
Olhei pra cá!  
Quebrei o galhinho da limeira!



## TEMPO DE ESCRAVIDÃO

Cantada por **Maria Lurdes dos Santos (48 anos)**  
Comunidade Brejo Grande, Julho de 2017.

Só no tempo da escravidão,  
Preto velho sempre trabalhou.

Trabalhava de dia,  
Trabalhava de noite,  
Para o seu senhor!

## CASA DE JOÃO GOMES

Cantada por **Marinalva dos Santos, 73 anos**, Julho de 2017.  
Comunidade Brejo Grande

Fui à casa de João Gomes  
Num achei nenhum vintém  
Vamos dar a meia volta  
Oh adeus meu amor  
Oh adeus meu bem  
Oh **cobra**  
Ela vai ou vêm,  
Oh cobra!





## PALMEIRA

[Cantada por *Marinalva dos Santos (73 anos)*, Julho de 2017.  
Comunidade Brejo Grande

Ôh **palmeira**, ôh palmeirinha!  
Ôh palmeira, oh palmeira!

Da vaca eu quero leite.  
Do leite eu quero a papa.  
Do coqueiro eu quero coco.  
Da palmeira quero a palha.

Ôh Palmeira, oh Palmeirá!

Cabo de linha verde.  
Pra onde vai nessa carreira?  
Se não chega no domingo.  
Chega na segunda-feira.

Ôh Palmeira, ôh Palmeirinha.  
Ôh Palmeira, oh Palmeirá.

## JUAZEIRO

Cantada na *Primeira Roda de Conversa*.  
Comunidade Resina, em 26 de maio  
de 2017.

Ah **juazeiro**, por que não botou juá?  
(2vz)

Esse ano eu não botei  
Para o ano eu vou botar.

Minha mãe não quer que eu vá,  
Na casa de meu amor.

Eu vou perguntar a ela,  
Se ela nunca namorou. (Dona Déa)

Ah juazeiro, por que não botou juá?

Esse ano eu não botei,  
Para o ano eu vou botar!

Vou cantar para esse povo,  
Veja o que eu vou lhe contar.  
Fulano mais o sicrano,  
Tira em primeiro lugar.



*Juazeiro*

Sou dono da brincadeira.  
Eu só boto pra quebrar!  
(Sr. Adalto).

Ah, juazeiro, por que não botou juá?

Esse ano eu não botei,  
Para o ano eu vou botar!

## Ô MOÇA!

*Adalgisa*, Junho de 2017.  
Comunidade Brejão dos Negros.

Ô moça você que é a maior,  
Dê cá outra cor de pó,  
Que seu namorado deu!

Quem diz sou eu,  
Porque sou obediente.  
Acabe com seu casamento,  
Pra poder casar com eu.

## PRA QUE ME CASOU TÃO NOVA?

Cantada por seu *Adalto*, junho de 2017.  
Comunidade Brejão dos Negros

Benção papai!  
Benção mamãe, carinhosa!  
Pra que me casou tão nova,  
Sem saber me terminar.

O tamanduá em cima daquela serra.  
É lá que a onça berra,  
O **gato maracajá**.

Menina vou te pedir.  
Com vontade, te chamar.  
Entrei no mole da venta,  
Saí na volta da pá!

Benção papai!  
Benção mamãe, carinhosa!  
Pra que me casou tão nova,  
Sem saber me terminar?  
O tamanduá em cima daquela serra,  
É lá que a onça berra,  
O gato maracajá!

## ATIREI NA ROLA!

Cantada por seu *Adalto*, junho de 2017.  
Comunidade Brejão dos Negros

Eu atirei na **rola**, ôi!  
Com meu granadeiro, ôi!  
Baixa de oitero,  
Ô meu colega,  
Encheu de fumaça.  
Sai da minha frente, fulano,  
Que “nóis” se esbagaça.

## BAIANA

Cantada por *dona Cícera Crispim, 77 anos*. Julho de 2017.  
Comunidade Brejo Grande

Aqui a gente brincava Maracatu, Reisado, Guerreiro, Chegança, Baiana e Pastorinho. Era pouca gente, mas era mais animado! Porque de quinze em quinze a gente tomava um banho de praia, botava uma blusa e ia tomar banho. Na época ia tomar banho na Costinha, na Ponta dos Mangues, na Praia do Peba. Na época, as pessoas mais velhas do que eu, de quinze em quinze, fazia uma brincadeira. Quando a gente cismava, assim, alugava um bar do finado Zé Ferreira, só dançava mulher! O homem não tinha direito a entrar, só as mulheres mesmo, quando elas queriam tesar os homens, aí juntava tudo é alugava o bar. Quando não fazia uma cozinhada (...). Depois que comia todo mundo, a gente ia dançar, brincar. Era muito divertido! Na época do São João e São Pedro tinha o Samba de coco, mas eu não brinquei não. O ritmo da Baiana era assim:

Oh baiana!  
Baiana é de mel.  
Baiana meu rei.  
Somos de São José!  
Requebra devagarinho.  
Cuidado pra não errar,  
O povo já tá dizendo, baiana,  
Nação de Beira mar!

## QUEBRA-QUEBRA GOBIRABA<sup>6</sup>

Cantada na *Primeira Roda de Conversa*.  
Comunidade Resina, em 26 de maio de 2017.

Quebra-quebra **gobiraba!**  
Eu quero ver quebrar!  
Quebra lá, que eu quebro cá!  
Quero ver quebrar!

Menina dos olhos d'água!  
Quero ver quebrar!

Me dê água preu beber!  
Quero ver quebrar!

Minha sede não se acaba!  
Quero ver quebrar!

É vontade de lhe ver!  
Quero ver quebrar!  
(Sr. Adalto.)

Quebra-quebra gobiraba!  
Eu quero ver quebrar!  
Quebra lá, que eu quebro cá!



*Gobiraba*

<sup>6</sup> “Quebra-quebra gobiraba” é, nitidamente, uma tradução local da marchinha de carnaval “quebra-quebra gabiroba”, de Plínio Brito. A marchinha com tema popular fez bastante sucesso na década de 1930 no Brasil.

Quero ver quebrar!

Da minha casa pra sua,  
Quero ver quebrar!

O capim não nasce mais.  
Quero ver quebrar!

A passada que tu desse,  
Eu quero ver quebrar!

Se foi por mim demais!  
Quero ver quebrar!  
(Dona Marília.)

Quebra-quebra gobiraba!  
Eu quero ver quebrar!  
Quebra lá, que eu quebro cá!  
Quero ver quebrar!

Sacudi meu lenço branco,  
Quero ver quebrar!

Na parede do mercado.  
Quero ver quebrar!

Não me caso com viúvo  
Quero ver quebrar!

Dos fundio arreventado.  
Quero ver quebrar!  
(Maria Izaltina)

Quebra-quebra gobiraba!  
Eu quero ver quebrar!  
Quebra lá que eu quebro cá!  
Quero ver quebrar!



Sr Adalto na 1a Roda de Conversa.Comunidade Resina, Abril de 2017



## MOURA TORTA<sup>7</sup>

Cantada em *brincadeira de roda entre mulheres e crianças na Segunda Roda de Conversa*.  
Comunidade Brejão dos Negros, Batateiras. 16 de junho de 2017.

Moura torta que entrou na roda.  
Moura torta que entrou na roda.  
Entorte lá!  
Que eu entorto cá!  
Saia da roda,  
Para outro entrar!



*Brincadeira de Roda entre mulheres e crianças. Segunda Roda de Conversa, Comunidade Brejão dos Negros, Conjunto Sta Cruz.*

## ALFACE JÁ NASCEU!

Cantada na *Segunda Roda de Conversa*.  
Comunidade Brejão dos Negros, Batateiras. 16 de junho de 2017.

Alface já nasceu.  
A chuva quebrou o galho.

Rebola chuchu,  
Rebola chuchu!  
Rebola, senão eu caio! (bis)

<sup>7</sup>Em entrevista, não foi possível saber o significado de “moura torta”, nem de “moura”, para os quilombolas de Brejão. “Moura torta”, porém, é o título de uma lenda popular de origem europeia, trazida por Silvio Romero em “Contos Populares do Brasil” (1885). A lenda conta a história de uma “mulher feia” que queria ser linda como “Rosa Flor”. No Brasil, sofreu adaptações por meio das culturas populares.

## FOLHA DA MANDIOQUINHA.

Cantada por **Maria Izaltina Silva Santos**.  
Comunidade Brejão dos Negros, junho de 2017.

Eu caio, sereno, eu caio,  
Na folha da mandioquinha.  
Eu caio, sereno, eu caio,  
Na folha da mandioquinha.

Eu também quero cair nos braços da moreninha.  
Eu também quero cair nos braços da moreninha.

Cajueiro pequenino,  
Carregado de fulô.  
Cajueiro pequenino,  
Carregado de fulô.

Eu também sou pequenina,  
Carregada de amor.  
Eu também sou pequenina,  
Carregada de amor.

Tava ralando um coco,  
Pra fazer uma cocada.  
Tava relando um coco,  
Pra fazer uma cocada.

Beijo de rapaz solteiro,  
Só é bom de madrugada.  
Beijo de rapaz solteiro,  
Só é bom de madrugada.



# GLOSSÁRIO DE PALAVRAS E TERMOS

1. Arrendamento: porção de terra alugada ou usada através de “sistema de meia”, onde uma parte do que se produz na terra deve repassado para o proprietário como forma de pagamento.
2. Bicho de sete: sétimo filho seguido, de um mesmo sexo. Exemplo: a sétima filha de um casal, de uma sequência de seis meninas ou o sétimo filho de um casal, de uma sequência de seis meninos.
3. Botija: tesouro.
4. Cajuípe: antigo “engenho Cajuípe”, hoje “fazenda Cajuípe”.
5. Cambuí: frutinha nativa da mata. Possui cor laranja avermelhado e é muito usada na cachaça.
6. Correr bicho: virar bicho, lobisomem ou bicho de sete.
7. Cruirí: frutinha avermelhada usada para alimentar caranguejo.
8. Ficar com a cuia na cabeça: ficar sem nada.
9. Fundio: traseiro, parte detrás do corpo. Bumbum.
10. Gaitera: raiz aérea da árvore “mangue manso”(Laguncularia racemosa)
11. Gameleiro: árvore nativa.
12. Gato maracajá: onça.
13. Gobiraba: frutinha nativa.
14. Jericuá: tipo de serpente.
15. Junco: espécie de planta nativa dos lagos e lagoas onde se planta (va) arroz. Principal matéria-prima para fazer esteiras.
16. Mangue brabo: árvore nativa que dá nos manguezais da região.
17. Marezeiro: árvore nativa.
18. Mistura: a carne (de boi, de peixe, de ave, etc.) para acompanhamento do arroz, feijão, farinha, etc. na hora da refeição.
19. Muro: Caminho de terra entre lagos, viveiros, etc. que permite a passagem das pessoas.
20. Nas carrêra: fazer algo com pressa, rápido, ir correndo.
21. Ocou: tornou-se oco.
22. Onça: fazenda Onça.
23. Paturi: ave nativa, pássaro.
24. Piau: peixe de rio e de lagoa.
25. Puçá: instrumento de pesca. Vara curta com rede circular ou cônica na ponta. Também chamado de jereré.

26. Puia: fofocas, conversas jogadas fora, etc.
27. Rodia: pano enrolado em voltas, no formato de espiral, usado para sustentar vasos de barro ou baldes que vão à cabeça, carregados, geralmente, com água. No texto, o termo foi usado como metáfora para se referir à disposição da cobra no troco de árvore, que era semelhante ao da rodia (uma das histórias de Botija contada por Dona Deca).
28. Rola: tipo de pássaro.
29. Saburica: espécie de camarão pequeno.
30. Se ariar: se perder, esquecer o caminho.
31. Ter uma visagem: ver assombração, espírito, etc.
32. Tiorega: conversa fiada.
33. Unha de velho (véio): molusco encontrado em mangues. Envolvido por duas conchas alongadas de cor clara.
34. Venta: nariz.





*Empoderando vidas.  
Fortalecendo nações.*



**MINISTÉRIO DO  
MEIO AMBIENTE**

